

## PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

*A primeira edição deste livro teve um acolhimento muito favorável junto dos professores, confirmando o interesse e a necessidade de uma reflexão sobre os dilemas atuais da profissão docente. A decisão de juntar estudos de vários autores (portugueses e estrangeiros) revelou-se pertinente, na medida em que permitiu a divulgação de perspetivas distintas sem pôr em causa a coerência temática da obra.*

*Justifica-se a sua reedição, três anos mais tarde? Provavelmente, sim. De facto, não se alteraram significativamente nem as circunstâncias dos professores, nem os referenciais teóricos da reflexão sobre a profissão. É verdade que houve nos últimos anos grande abundância de textos sobre os professores, produzidos sobretudo no contexto de ações de formação contínua, de diplomas de estudos superiores especializados ou de mestrados em educação. Mas é preciso reconhecer que eles cumpriram essencialmente uma função de vulgarização, não tendo, na maior parte dos casos, contribuído para construir novos modelos de análise.*

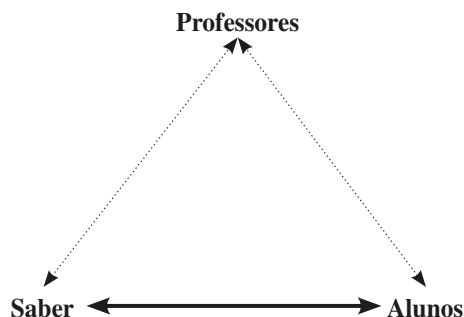
*Além disso, reforçaram-se na década de noventa uma série de processos de exclusão dos professores, no quadro de uma redefinição que tende a modificar as funções sociais e os papéis profissionais que lhes estavam tradicionalmente atribuídos. Parece-me útil explicar melhor estes processos, pois eles constituirão uma referência obrigatória dos debates sobre o futuro da profissão docente. Para tal, recorro à imagem do bridge, em parte já utilizada por Jean Houssaye (Le triangle pédagogique, 1988), na qual um dos parceiros ocupa o “lugar do morto”, sendo obrigado a expor as suas cartas em cima da mesa: nenhuma jogada pode ser feita sem atender às suas cartas, mas este não pode interferir no desenrolar do jogo.*

*Imaginemos agora um triângulo no qual dois vértices criam uma relação privilegiada, representando o terceiro vértice o “lugar do morto”: está presente, tem de ser levado em consideração, mas a sua voz não é essencial para fixar o desfecho dos acontecimentos. Pensei em três triângulos, que ilustram outros tantos processos de exclusão dos professores.*

## O triângulo pedagógico

O triângulo pedagógico, apresentado por Jean Houssaye, organiza-se em torno dos seguintes vértices: os professores, os alunos, o saber.

A partir de uma relação privilegiada entre dois destes vértices, é possível imaginar, de forma necessariamente simplificada, três grandes modelos pedagógicos: a ligação entre os professores e o saber configura uma perspectiva que privilegia o ensino e a transmissão de conhecimentos; a junção entre os professores e os alunos valoriza os processos relacionais e formativos; a articulação entre os alunos e o saber favorece uma lógica de aprendizagem.



Neste momento, interessa-me sublinhar as tendências que apontam para uma consolidação do eixo saber ↔ alunos, com os professores a ocuparem o “lugar do morto”. Não pretendo, obviamente, criticar as situações pedagógicas que se apoiam em práticas de autoformação ou de autogestão das aprendizagens, mas sim alertar para o reaparecimento de correntes que defendem uma tecnologização do ensino. As ideias não são novas, pois retomam as utopias das “máquinas de ensino” que conduziram ao eclipse dos professores. Mas hoje as evoluções tecnológicas – e o sucesso das estratégias de expansão planetária dos equipamentos informáticos e de telecomunicações – obrigam a situar o debate em novos moldes.

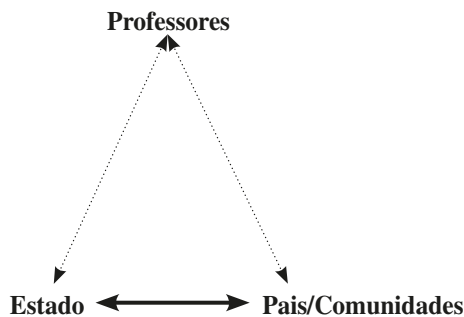
Está fora de causa uma qualquer reserva em relação à utilização pedagógica destes meios. Bem pelo contrário, eles constituem um poderoso instrumento de inovação e de mudança. O que me parece importante questionar é a forma como, por vezes, se constroem discursos teóricos que têm subjacente uma certa desvalorização da relação humana e das qualificações dos professores. O uso das tecnologias de ensino implica a aquisição de novas competências, mas também o reforço das competências tradicionais. É difícil imaginar um processo educativo que não conte com a mediação relacional e cognitiva dos professores.

## O triângulo político

O triângulo político, melhor dizendo dos modos de organização do sistema educativo, desenha-se a partir dos seguintes vértices: os professores, o Estado, os pais/comunidades.

Durante muito tempo as práticas institucionalizadas de educação foram objeto de uma transação direta entre os professores e os pais/comunidades, quase sempre com a mediação da Igreja. A partir do século XVIII, o Estado ocupou a arena educativa consolidando uma ligação privilegiada aos professores, a qual conduziu ao afastamento dos pais/comunidades. Hoje em dia, há uma tentativa de reforço dos laços entre o Estado e os pais/comunidades relegando os professores para o “lugar do morto”.

O movimento reformador dos anos oitenta trouxe para a ribalta o problema da participação dos pais/comunidades nas decisões do foro educativo. Após um tempo longo de afastamento, impunha-se reconhecer a necessidade de uma presença mais ativa dos pais e dos atores locais na organização das diferentes modalidades de ensino. É uma questão que deve ser vista à luz de uma reorganização mais ampla dos modos de intervenção do Estado na vida económica e social.



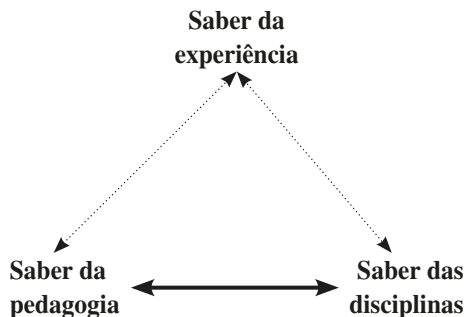
Curiosamente, na área da educação, o debate foi introduzido através da agenda política da privatização do ensino, inscrita como uma das prioridades para os anos noventa. A ideia de uma educação ao “serviço dos clientes” parece consensual; mas quando se olha para a ambiguidade do conceito, percebe-se que há sobretudo a vontade de pautar o ritmo educativo por uma lógica de mercado e de impor às escolas critérios de eficácia que não levam em linha de conta a especificidade do trabalho pedagógico.

Creio que o ciclo histórico dos Estados docentes, e dos professores-funcionários, está a chegar ao fim. O novo papel dos pais e das comunidades na gestão dos assuntos educativos é uma das realidades decisivas da fase que agora se abre. Mas é impensável que a mudança leve a uma redução do poder dos professores.

### O triângulo do conhecimento

O triângulo do conhecimento procura traduzir a existência de três grandes tipos de saberes: o saber da experiência (professores); o saber da pedagogia (especialistas em ciências da educação); e o saber das disciplinas (especialistas dos diferentes domínios do conhecimento).

Nos períodos de inovação educacional há uma certa tendência para valorizar a ligação dos professores aos especialistas pedagógicos. Nos momentos mais conservadores procura-se juntar o saber da experiência ao saber das disciplinas. Atualmente, o saber dos professores tende a ser desvalorizado em favor de um saber científico (da pedagogia ou das outras disciplinas).



Um dos paradoxos principais na história dos professores reside no facto de os tempos-fortes da reflexão científica em educação contribuírem para um maior prestígio social da profissão, mas também, e simultaneamente, para uma certa desvalorização dos seus saberes próprios. Na verdade, a afirmação do saber da pedagogia (dos especialistas em ciências da educação) faz-se frequentemente a partir de uma depreciação do saber da

*experiência (dos professores). As práticas de racionalização do ensino contêm os elementos de uma deslegitimação dos professores como produtores de saber.*

*Uma maneira interessante de ilustrar este paradoxo é falar de dois momentos fundamentais na história da formação de professores em Portugal: a criação das escolas normais primárias republicanas (anos vinte) e das escolas superiores de educação (anos oitenta). Num e noutro caso, os professores do ensino primário foram excluídos como formadores dos seus futuros colegas, uma vez que foram impedidos de lecionar nas instituições de formação (ainda que a pouco e pouco se tenham criado possibilidades de reintegração).*

*Hoje em dia, a vontade de reforçar o saber das disciplinas e a expansão muito significativa dos especialistas em ciências da educação (e também a valorização dos cursos em ciências da educação como elemento de progressão na carreira docente) levam a conceder uma menor atenção ao saber da experiência: os professores voltam a sentar-se no “lugar do morto”.*

\*  
\*            \*

*É verdade que os professores estão presentes em todos os discursos sobre a educação. Por uma ou por outra razão, fala-se sempre deles. Mas muitas vezes está-lhes reservado o “lugar do morto”. Tal como bridge, nenhuma jogada pode ser delineada sem ter em atenção as cartas que estão em cima da mesa. Mas o jogador que as possui não pode ter uma estratégia própria: ele é o referente passivo de todos os outros.*

*Apesar de ter insistido nas formas de exclusão dos professores, legitimadas em processos de tecnologização, de privatização e de racionalização do ensino, não ignoro a existência de outros movimentos que vão em sentido contrário. As realidades educativas são paradoxais e, muitas vezes, contraditórias. Todo o esforço teórico para as tentar compreender tem de fugir às linearidades explicativas e refletir a complexidade das posições em confronto.*

*Os triângulos que apresentei, a partir da metáfora do bridge, são simplificações óbvias. E como tal devem ser lidos. Na melhor das hipóteses constituem “pontas” para uma reflexão, sempre necessária, sobre a Profissão Professor. Admito que uma análise mais aturada destes triângulos permita esclarecer algumas das dificuldades atuais dos professores. É uma sugestão que aqui deixo, sempre com a mesma intenção de estimular um pensamento crítico sobre a profissão docente.*

*Oeiras, 15 de outubro de 1995*  
**ANTÓNIO NÓVOA**

## APRESENTAÇÃO DA OBRA

*A presente obra revela uma grande pluralidade de pontos de vista sobre a Profissão Professor. Reunindo contribuições de autores de vários países, o livro procura pôr à disposição do leitor uma reflexão útil para pensar a situação atual dos professores portugueses. Na seleção e organização dos textos tentou-se respeitar um núcleo temático consistente, diversificando as perspectivas de análise e de estudo. Deste modo, as abordagens históricas, filosóficas, epistemológicas, psicológicas, pedagógicas e sociológicas sucedem-se ao longo dos seis capítulos.*

*O texto de abertura (António Nóvoa – O passado e o presente dos professores) evoca, de forma breve, alguns dos principais problemas com que os professores se confrontaram no passado e se confrontam nos dias de hoje. O seu objetivo é assinalar certos aspetos fundamentais que devem estar presentes nos trabalhos de análise da profissão docente. O argumento do texto é construído à volta da ideia de que os professores se consolidaram como profissão num tempo que pertence definitivamente ao passado e que, portanto, se encontram agora numa encruzilhada de opções.*

*No segundo texto, sugestivamente intitulado O educador e a ação sensata, Daniel Hameline retoma um conjunto de conferências realizadas durante um período de licença sabática na Universidade de Lisboa, em 1989. Trata-se de uma reflexão de grande densidade filosófica, cujas ideias centrais são: 1. A ação é instrução; 2. O máximo é indesejável; 3. Tudo se passa no “entre”. Estamos perante um pensamento que renova, de forma radical, o estudo da especificidade da ação educativa e do trabalho pedagógico.*

*J. Gimeno Sacristán percorre algumas das pistas abertas pelo texto anterior, no seu ensaio: Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. A tese central defendida por este autor espanhol relaciona-se com a necessidade de desenvolver a profissionalidade dos professores no contexto de uma maior qualidade do ensino; para atingir este objetivo, é preciso fazer um esforço de compreensão das “práticas” nas suas diversas configurações.*

*A contribuição de José M. Esteve designa-se Mudanças sociais e função docente, constituindo uma boa síntese das investigações que este autor tem conduzido nos últimos anos, nomeadamente sobre o “mal-estar docente”. Demonstrando de que forma as mudanças sociais influenciam a vivência da profissão docente, José M. Esteve traça um quadro impressionante dos problemas que afetam hoje em dia os professores. Esta análise de teor psicológico identifica claramente os principais desafios com que se depara o professorado, a nível individual e coletivo.*

*Aspetos sociais da criatividade do professor é um texto muito curioso de um dos mais conhecidos especialistas internacionais na área das ciências da educação, Peter Woods. Partindo da descrição de situações pedagógicas concretas, Peter Woods conclui o seu ensaio sugerindo que “talvez estejamos prestes a entrar, nos anos 90, num período de libertação dos professores, em que eles serão encorajados a usar a sua inspiração e criatividade”.*

*O último contributo baseia-se na tese de mestrado de Maria Helena Cavaco, que estudou, a partir de um conjunto de testemunhos, o desenrolar da vida pessoal e profissional de diversos docentes. Intitulado Ofício do professor: o tempo e as mudanças, este artigo aborda essencialmente três aspetos: os primeiros tempos da profissão (a insegurança e a sobrevivência); o professor e os outros professores (diferenças e mudanças); a passagem dos anos e o percurso profissional.*

*Estes estudos coincidem numa apreciação crítica do estatuto e dos percursos dos professores, mas não deixam de reafirmar uma convicção unânime no futuro da profissão docente. É nesta capacidade de distanciamento e de problematização, mas também de empenhamento e de aposta, que reside o seu carácter atrativo para os professores interessados em procurar um sentido para a sua ação pedagógica e profissional. Gostaríamos que Profissão Professor incentivasse o debate interno no seio das escolas e a reflexão científica no âmbito da formação inicial e contínua, ajudando a fomentar uma nova cultura profissional do professorado.*

1992  
ANTÓNIO NÓVOA